


JILL BOLTE TAYLOR

A cientista que
CUROU
seu próprio
CÉREBRO

O RELATO DA NEUROCIENTISTA QUE VIU
A MORTE DE PERTO, REPROGRAMOU SUA MENTE
E ENSINA O QUE VOCÊ TAMBÉM PODE FAZER

Tradução
Débora da Silva Guimarães Isidoro


Ediouro, SP, 2008

MANHÃ DO DERRAME

Eram sete horas da manhã de 10 de dezembro de 1996. Acordei com o familiar tique-tique-tique do meu CD player portátil se preparando para começar a tocar. Sonolenta, apertei o botão da soneca bem a tempo de pegar de volta a onda mental seguinte para a terra dos sonhos. Ali, naquela terra mágica que chamo de Thetaville — um lugar surreal de consciência alterada em algum ponto entre os sonhos e a realidade —, meu espírito brilhava lindamente, fluido, e livre dos limites impostos pela realidade normal.

Seis minutos mais tarde, quando o tique-tique-tique do CD player alertou minha memória sobre minha condição de mamífero terrestre, acordei com muita preguiça e registrei uma dor aguda no interior da cabeça, bem atrás do olho esquerdo. Ofuscada pela luz matinal, desliguei o alarme iminente com a mão direita e pressionei de maneira instintiva a mão esquerda contra a lateral do rosto. Raramente adoecia, e estava achando estranho acordar com uma dor de cabeça tão aguda. Enquanto meu olho esquerdo pulsava num ritmo lento e deliberado, eu experimentava uma mistura de espanto e irritação. A dor latejante atrás do olho era aguda, como a sensação cáustica que algumas vezes surge quando fincamos o dente em uma bola de sorvete.

Ao rolar para fora da minha cama quente, cambaleei para o mundo com a ambivalência de um soldado ferido. Fechei a janela do quarto para bloquear a luz que fazia arder meus olhos. Decidi que um pouco de exercício poderia fazer meu sangue fluir e talvez ajudasse a dissipar a dor. Em questão de segundos, subi no meu "cardioglíder" (uma máquina que exercita o corpo todo) e comecei a correr no ritmo da canção de Shania Twain, "Whose Bed Have Your Boots Been Under?". Imediatamente, senti uma poderosa e incomum sensação de dissociação me invadir. Sentia-me tão peculiar que questionei meu bem-estar. Meus pensamentos pareciam lúcidos, mas meu corpo estava estranho, diferente. Eu via minhas mãos e meus braços balançando para a frente e para trás, para a frente e para trás, em sincronia oposta ao meu tronco, e me sentia estranhamente desligada das minhas funções cognitivas normais. Era como se a integridade da minha conexão mente-corpo tivesse de alguma maneira sofrido um comprometimento.

Sentindo-me distante da realidade normal, eu parecia testemunhar minha atividade em vez de senti-la como participante ativa de sua realização. Era como se me observasse em movimento, como se a memória passasse um videoteipe. Meus dedos agarraram a barra de metal do aparelho, mas pareciam garras primitivas. Por alguns segundos, balancei e vi com surpresa meu corpo balançar de maneira rítmica e mecânica. O tronco se movia para cima e para baixo numa cadência perfeita com a música, e minha cabeça continuava doendo.

Sentia-me bizarra, como se minha mente consciente estivesse suspensa em algum lugar entre a realidade normal e algum espaço esotérico. Embora essa experiência tivesse uma distante semelhança com aquele mo-

mento matinal em Thetaville, tinha certeza de que daquela vez estava acordada. Porém, sentia-me como se estivesse presa no interior da percepção de uma meditação que não podia interromper, de onde não podia fugir. Atordoada, com a freqüência do latejar doloroso alcançando proporções assustadoras no interior do meu cérebro, percebi que o exercício não havia sido boa idéia.

Um pouco nervosa com minha condição física, desci da máquina e cambaleei pela sala a caminho do banheiro. Enquanto caminhava, notei que meus movimentos não eram mais fluidos. Agora eram deliberados, quase estanques. Na ausência da minha coordenação muscular normal, não havia graça no meu caminhar e o equilíbrio estava tão prejudicado que a mente se ocupava inteiramente em manter-me ereta.

Quando levantei a perna para entrar na banheira, segurei-me na parede para não cair. Era estranho que pudesse sentir as atividades internas do meu cérebro, os ajustes e reajustes feitos a todos os grupos musculares dos membros inferiores, num esforço para impedir a queda. Minha percepção dessas respostas automáticas do corpo não era mais um exercício de conceituação intelectual. Em vez disso, tinha acesso momentâneo a uma compreensão precisa e experimental de como os 50 trilhões de células do meu cérebro e do meu corpo trabalhavam duro e em perfeita harmonia para manter a flexibilidade e a integridade da minha forma física. Sob o olhar de uma ávida entusiasta da magnificência do projeto humano, testemunhei com fascínio o funcionamento autônomo do meu sistema nervoso, que calculava e recalculava cada movimento das articulações.

Ignorando o grau de perigo a que meu corpo estava exposto, apoiei meu peso contra a parede do banheiro.

Quando me inclinei para a frente para abrir a torneira, assustei-me com um abrupto e exagerado clamor provocado pela água que entrava na banheira. Aquela inesperada amplificação de som foi ao mesmo tempo esclarecedora e inquietante. Foi ali que percebi que, além de ter problemas de coordenação e equilíbrio, minha capacidade de processar o som era inadequada.

Compreendia, sob o ponto de vista neuroanatômico, que coordenação, equilíbrio, audição e a ação de inspirar eram processadas pelas pontes do tronco cerebral. Pela primeira vez, considerei a possibilidade de estar, talvez, sofrendo um mau funcionamento neurológico importante que poderia oferecer risco de morte.

Enquanto minha mente cognitiva procurava uma explicação para o que acontecia anatomicamente no interior do meu cérebro, recuei em resposta ao estrondo ainda maior da água, um barulho inesperado que penetrava meu cérebro delicado e dolorido. Naquele instante, senti-me de repente vulnerável, e notei que o constante papo do cérebro com o qual me havia habituado não era mais um previsível e constante fluxo de conversação. Em vez disso, agora meus pensamentos verbais eram inconsistentes, fragmentados e interrompidos por um silêncio intermitente.

Quando percebi que as sensações externas ao meu corpo, até mesmo os sons distantes de uma cidade em efervescência além das janelas do apartamento, haviam desaparecido, percebi que o amplo alcance da minha observação natural tinha se reduzido. Na medida em que a conversa mental começava a se desintegrar, experimentei uma estranha sensação de isolamento. A pressão sanguínea deve ter caído em resultado do sangramento no cérebro, porque eu sentia que todos os meus

sistemas, incluindo a capacidade da mente de instigar movimento, moviam-se em modo lento de operação. Porém, embora meus pensamentos não fossem mais um fluxo constante de conversação sobre o mundo externo e minha relação com ele, estava consciente e constantemente presente dentro da minha mente.

Confusa, revistei os bancos de memória do corpo e do cérebro, questionando e analisando qualquer coisa que pudesse recordar ter experimentado no passado e que fosse remotamente semelhante àquela situação. *O que está acontecendo? Já me senti assim antes? Isso parece uma enxaqueca. O que está acontecendo no meu cérebro?*

Quanto mais tentava me concentrar, mais minhas idéias pareciam fugir. Em vez de encontrar respostas e informação, encontrei um crescente sentimento de paz. No lugar daquela conversa mental constante que me ligava aos detalhes da minha vida, senti-me envolta por um cobertor de euforia serena. Como tive sorte por aquela porção do meu cérebro que registrava o medo, a amígdala cerebral, não ter reagido com alarme àquelas circunstâncias incomuns e me lançado em estado de pânico. À medida que os centros de linguagem no meu hemisfério esquerdo foram se tornando progressivamente silenciosos e eu me distanciava das lembranças de minha vida, fui me sentindo confortada por um expansivo sentimento de graça. Naquele vácuo de cognição superior e detalhes pertinentes à minha vida normal, a consciência flutuou leve para um estado de sabedoria única, um "ser *um só*" com o Universo, se preferirem. De maneira convincente, aquilo era como a boa e velha estrada de volta para casa, e eu gostava do que sentia.

Nesse ponto havia perdido contato com boa parte da dimensão física e tridimensional da realidade que

me cercava. Meu corpo estava apoiado à parede da área do chuveiro, e eu achava estranho ter consciência de que não podia mais discernir com clareza os limites físicos, ou onde eu começava e onde terminava. Sentia a composição de meu ser como algo fluido, não sólido. Já não me percebia mais como um objeto inteiro separado de tudo. Em vez disso, agora me fundia com o espaço e flutuava à minha volta. Contemplando um crescente sentimento de cisão entre minha mente cognitiva e a capacidade de controlar e manipular meus dedos de maneira refinada, meu corpo pesava e minha energia se esvaía.

Quando as gotas de água do chuveiro bateram em meu peito como balas, fui trazida de súbito e de maneira assustadora de volta à realidade. Ergui as mãos diante do meu rosto e movimentei os dedos, e me senti simultaneamente perplexa e intrigada. *Uau, que coisa estranha e espantosa eu sou. Que ser vivo bizarro eu sou. Vida! Eu sou vida! Sou um mar de água contida dentro dessa bolsa membranosa. Aqui, nessa forma, sou uma mente consciente e este corpo é o veículo pelo qual me sinto viva! Sou trilhões de células partilhando uma mente comum. Estou aqui, agora, florescendo como vida. Uau! Que conceito incrível! Sou vida celular, não... Sou vida molecular com destreza manual e uma mente cognitiva!*

Nesse estado alterado, minha mente não estava mais preocupada com os bilhões de detalhes que meu cérebro usava dia a dia para definir e conduzir minha vida no mundo externo. Aquelas vozes, o papo do cérebro, que habitualmente me mantinham à frente de mim mesma em relação ao mundo exterior, estavam deliciosamente caladas. E, em sua ausência, minhas lembranças do passado e meus sonhos para o futuro evaporava-

ram. Estava sozinha. No momento, estava sozinha, sem nada além do pulsar rítmico do meu coração.

Devo admitir que o vácuo progressivo em meu cérebro traumatizado era muito sedutor. Recebi com alegria o descanso representado pelo silêncio, a ausência do constante diálogo que me relacionava ao que eu agora percebia como insignificantes assuntos da sociedade. Voltei com avidez meu foco para dentro, para o pulsar cadenciado dos trilhões de células brilhantes que funcionavam diligentemente e de maneira sincronizada para manter o estável estado de homeostase de meu corpo. Enquanto o sangue inundava meu cérebro, minha consciência se resumia a um existir sereno e satisfatório que abraçava o vasto e maravilhoso mundo interior. Sentia-me fascinada e humilde diante do trabalho duro realizado por minhas células, momento a momento; do esforço que realizavam só para manter a integridade de minha existência naquela forma física.

Pela primeira vez, senti-me inteiramente unificada a meu corpo como uma construção complexa de organismos vivos e bem-sucedidos. Orgulhava-me de ver que eu era aquele enxame de vida celular que brotava da inteligência de um único gênio molecular! Recebia com alegria a oportunidade de ir além das minhas percepções normais, para longe da dor perseverante que pulsava invencível em minha cabeça. Minha consciência resvalava para um estado de graça serena, e eu me sentia etérea. Embora o pulsar da dor na cabeça fosse impossível de evitar ou ignorar, já não era mais debilitante.

Em pé, com a água batendo sobre meus seios, tomei conhecimento de uma sensação que se espalhava pelo peito e subia para a garganta. Assustada, percebi de imediato que corria grave perigo. Empurrada pelo choque

de volta à realidade externa, reavaliei com rapidez as anormalidades dos meus sistemas físicos. Determinada a compreender o que ocorria, verifiquei com determinação o reservatório de educação acadêmica tentando encontrar um autodiagnóstico. *O que está acontecendo com meu corpo? O que está errado com meu cérebro?*

Embora o fluxo esporádico e descontínuo de cognição normal fosse incapacitante, consegui, de alguma forma, manter meu corpo sob controle. Saí do chuveiro sentindo a mente inebriada. Meu corpo era instável, pesado, e se exauria com o menor movimento. *O que estou tentando fazer? Vestir... Vestir-me para ir trabalhar. Estou me vestindo para ir trabalhar.* Escolhi de maneira mecânica e com enorme dificuldade as roupas que vestiria, e às 8h15 da manhã estava pronta para a jornada. Andando pelo apartamento, pensei: *Muito bem, vou trabalhar. Vou trabalhar. Eu sei como chegar ao meu local de trabalho? Posso dirigir?* Enquanto visualizava a estrada para o McLean Hospital, perdi literalmente o equilíbrio quando meu braço direito caiu por completo, paralisado ao lado do corpo. Naquele momento eu soube. *Oh, meu Deus, estou tendo um derrame! Estou tendo um derrame!* E, no instante seguinte, o pensamento cruzou minha mente como um raio: *Uau, isso é tão legal!*

Sentia-me suspensa em um estupor eufórico peculiar, e fiquei estranhamente animada quando compreendi que aquela inesperada peregrinação para as complexas funções do meu cérebro tinha, na verdade, uma base fisiológica e uma explicação. Continuava pensando: *Uau, quantos cientistas têm a oportunidade de estudar as funções do próprio cérebro e sua deterioração mental de dentro para fora?* Minha vida inteira havia sido dedicada a compreender como o cérebro humano criava a percepção

de realidade. E agora eu estava experimentando esse fabuloso derrame de sabedoria!

Quando meu braço direito ficou paralisado, senti a força da vida no interior do membro explodir. Quando ele pendeu sem vida contra meu corpo, desequilibrou meu tronco. Foi uma sensação muito estranha. Parecia que meu braço havia sido amputado!

Compreendia, tendo a neuroanatomia como base, que meu córtex motor havia sido afetado. Em poucos minutos, felizmente, o torpor do meu braço direito cessou. O membro começou a recuperar a vida, latejando com uma dor formidável que era ao mesmo tempo formigamento e um pulsar intenso. Sentia-me fraca e ferida. Meu braço estava completamente destituído de sua força intrínseca, mas eu podia utilizá-lo como um bastão. Pensei que, talvez, ele nunca mais voltasse ao normal. Vi minha cama aconchegante e acolhedora, e me senti atraída por ela naquela fria manhã de inverno da Nova Inglaterra. *Oh, estou tão cansada. Tão cansada. Só quero descansar. Quero me deitar e relaxar um pouco.* Mas, reverberando como um trovão nas profundezas de meu ser, uma voz autoritária ordenou com clareza: *Se você se deitar agora, nunca mais se levantará!*

Assustada com esse esclarecimento sinistro, tentei avaliar a gravidade da minha situação imediata. Embora fosse compelida por um sentimento de urgência a articular meu socorro, outra parte de mim se deliciava com a euforia de minha irracionalidade. Passei pela porta do quarto e, ao observar os olhos do meu reflexo no espelho, parei por um instante, buscando alguma orientação ou *insight* profundo. Na sabedoria de minha demência, compreendi que meu corpo era, pela magnitude de seu desenho biológico, um presente frágil e precioso. Era cla-

ro para mim que aquele corpo funcionava como um portal pelo qual a energia de quem eu era podia ser direcionada como um farol para um espaço externo tridimensional.

Aquela massa celular que era meu corpo me havia servido temporariamente como um lar maravilhoso. Aquele cérebro fascinante havia sido capaz de integrar literalmente bilhões de trilhões de fragmentos de dados, em cada instante, a fim de criar para mim uma percepção tridimensional desse ambiente que parecia ser, na verdade, não somente sem emendas e verdadeiro, mas também seguro. Ali, naquela desilusão, estava hipnotizada pela eficiência dessa matriz biológica que criava minha forma, e me senti fascinada com a simplicidade de seu desenho. Eu me vi como uma composição complexa de sistemas dinâmicos, uma coleção de células interligadas capazes de integrar uma mistura de modalidades sensoriais oriundas do mundo externo. E, quando os sistemas funcionavam de maneira apropriada, manifestavam com naturalidade uma consciência capaz de perceber uma realidade normal. Perguntei-me como podia ter passado tantos anos naquele corpo, naquela forma de vida, e nunca ter realmente entendido que estava ali apenas como uma visita.

Mesmo naquela condição, a mente egoísta do meu hemisfério esquerdo retinha com arrogância a crença de que, apesar de eu estar experimentando uma dramática incapacidade mental, minha vida era invencível. Otimista, acreditei que me recuperaria completamente dos eventos daquela manhã. Sentindo-me um pouco irritada com aquela perturbação inesperada na minha agenda de trabalho, pensei: *Tudo bem, estou sofrendo um derrame. Sim, isso é um derrame... mas sou uma mulher muito*

ocupada! Como não posso impedir esse derrame de acontecer, então, tudo bem, vou me conformar por uma semana! Aprenderei o que preciso saber sobre como meu cérebro cria minha percepção de realidade e depois cumprirei minha agenda, na semana que vem. Agora, o que vou fazer? Pedir ajuda. Preciso me manter focada e pedir ajuda.

Para o reflexo no espelho, eu pedi: *Lembre, por favor, lembre tudo que você está sentindo! Permita que esse seja meu derrame de sabedoria sobre a desintegração da minha mente cognitiva.*

ARTICULAÇÃO DO MEU SOCORRO

Eu não sabia exatamente que tipo de derrame sofriria, mas a má-formação arteriovenosa congênita que havia explodido em minha cabeça espalhava uma grande quantidade de sangue pelo hemisfério esquerdo do meu cérebro. Com o sangue inundando os centros de pensamento superior do meu córtex cerebral esquerdo, comecei a perder a capacidade de cognição superior — uma habilidade preciosa naquele momento. Foi uma sorte eu poder lembrar que o melhor prognóstico para alguém que tem um derrame é transportar o paciente para o hospital o mais depressa possível. Mas conseguir ajuda era um desafio, porque descobri que era quase impossível me concentrar e manter a mente voltada para a tarefa. Surpreendia-me perseguindo pensamentos aleatórios que dançavam para dentro e para fora do meu cérebro e, infelizmente, tinha plena consciência de não ser capaz de ater-me a um plano pelo tempo necessário para executá-lo.

Os dois hemisférios do meu cérebro haviam trabalhado meticulosamente bem juntos por toda minha vida, capacitando-me a funcionar no mundo. Mas agora, por causa das diferenças normais e da assimetria de função entre os lados esquerdo e direito, sentia-me alienada das

capacidades de cálculo e lingüística do lado esquerdo do cérebro. Onde estavam os números? Onde estava minha linguagem?... O que havia acontecido com o papo do cérebro, agora substituído por uma envolvente e sedutora paz interior?

Sem a linearidade associada às constantes diretivas do lado esquerdo do cérebro, eu me esforçava para manter uma conexão cognitiva com minha realidade externa. Em vez de um contínuo fluxo de experiência que podia ser dividido em passado, presente e futuro, cada momento parecia existir em perfeito isolamento. Nesse vazio de indicações verbais, senti-me privada da sabedoria mundana e me desesperei, tentando manter um elo cognitivo entre meus momentos. Repetia de maneira obsessiva a única mensagem que meu cérebro podia sustentar: *O que estou tentando fazer? Conseguir ajuda. Estou tentando traçar um plano e conseguir ajuda. O que estou fazendo? Preciso de um plano para conseguir ajuda. Tudo bem. Eu tenho de conseguir ajuda.*

Meu processamento de informação para acesso normal à informação do meu cérebro antes do episódio daquela manhã era mais ou menos assim: Eu me vejo sentada no meio do meu cérebro, que está completamente tomado por arquivos. Quando procuro por um pensamento ou uma idéia na memória, examino os arquivos e identifico a gaveta correta. Assim que encontro o arquivo apropriado, tenho então acesso a todas as informações daquele arquivo. Se não encontro imediatamente o que procuro, coloco novamente o cérebro no modo de busca e acabo tendo acesso aos dados corretos.

Mas, naquela manhã, meu processamento de informações era completamente bizarro. O cérebro permanecia perfeitamente alinhado com os arquivos, mas era como

se as gavetas estivessem trancadas, como se o conteúdo estivesse fora de meu alcance. Eu sabia que conhecia tudo aquilo, que meu cérebro guardava uma vasta riqueza de informação. Mas onde ela estava? A informação ainda estava lá. Eu apenas não podia recuperá-la. Perguntei-me se voltaria a me conectar com o pensamento lingüístico, ou se recuperaria as imagens mentais de minha vida. Sentia-me triste por pensar que aquelas porções da minha vida poderiam estar perdidas para sempre.

Destituída de linguagem e processamento linear, sentia-me desconectada da vida que havia vivido, e, na ausência de minhas imagens cognitivas e de idéias expansivas, o tempo escapava de mim. As lembranças do passado não estavam mais disponíveis para uso, o que me mantinha isolada, bloqueada da imagem mais ampla de quem eu era e o que fazia ali como forma de vida. Focada por completo no presente momento, meu cérebro pulsante parecia estar amarrado, preso. E ali, nas profundezas da ausência da temporalidade terrena, os limites do meu corpo terreno se dissolviam e eu me confundia com o Universo.

Com a interrupção do funcionamento normal do lado esquerdo do cérebro pela hemorragia, minha percepção foi libertada de sua ligação com a categorização e o detalhe. Quando as fibras dominantes do meu hemisfério esquerdo se desligaram, elas deixaram de inibir o hemisfério direito, e minha percepção ficou livre para se alterar, de modo que a consciência pudesse incorporar a tranqüilidade do lado direito de mente. Inundada por um envolvente sentimento de libertação e transformação, a essência da minha consciência se alterou para um estado que era espantosamente semelhante à minha experiência em Thetaville. Não sou especialista, mas

acho que os budistas diriam que entrei no modo de existência que eles chamam de nirvana.

Na ausência do julgamento analítico do hemisfério esquerdo, fui completamente envolvida pelos sentimentos de tranqüilidade, segurança, graça, euforia e onisciência. Parte de mim queria ser completamente libertada do cativeiro daquela forma física, que latejava de dor. Mas, providencialmente, apesar da atração daquela tentação persistente, algo dentro de mim permanecia comprometido com a tarefa de articular meu socorro, e essa parte perseverava para, em última análise, salvar minha vida.

Cambaleando, cheguei ao meu escritório e reduzi a intensidade das luzes, porque o estímulo luminoso fazia meu cérebro arder como se fosse realmente queimado por fogo. Quanto mais tentava me concentrar e me manter focada no que estava fazendo, no aqui e agora, mais intensa era a dor na cabeça. Era necessário um grande esforço só para me manter atenta, só para lembrar *O que estou fazendo? O que estou fazendo? Providenciando socorro, estou tentando pedir ajuda!* Oscilei entre momentos nos quais conseguia pensar com clareza (eu os chamo de "ondas de clareza") e outros de total incapacidade de pensamento.

Sentindo que havia perdido a sincronia com a vida que conhecia, estava ao mesmo tempo perturbada e fascinada pelo que testemunhava como o sistemático colapso da minha mente cognitiva. O tempo estava parado, porque o relógio que deveria fazer tique-taque no hemisfério esquerdo do meu cérebro, o relógio que me ajudaria a estabelecer a linearidade de meus pensamentos, agora estava silencioso. Sem o conceito interno de relatividade ou a atividade complementar do cérebro que

me ajudava a manter aquele movimento linear, eu me via fluando de momento isolado para momento isolado. "A" não tinha mais nenhuma relação com "B" e "um" não era mais relativo a "dois". Sequências desse tipo exigiam uma conexão intelectual que minha mente não podia mais estabelecer. Até os cálculos mais simples, por definição, requerem reconhecimento da relação entre diferentes entidades, e minha mente já não era capaz de criar combinações. Então, novamente, fiquei parada e aturdida, esperando pelo próximo pensamento intermitente ou onda de clareza. Antecipando a eventual chegada de uma idéia que me conectaria a alguma coisa na realidade objetiva, minha mente continuava repetindo *O que estou tentando fazer?*

Por que não liguei para um número de emergência? A hemorragia que aumentava em meu crânio estava posicionada diretamente sobre a porção de meu hemisfério esquerdo que entendia o que era um número. Os neurônios que codificavam 1-9-3 agora nadavam em uma piscina de sangue, por isso o conceito não existia mais para mim. Por que não desci e pedi ajuda à dona do conjunto de apartamentos onde morava? Ela estava em casa em licença-maternidade e certamente teria me socorrido. Mas o arquivo dela, novamente, um detalhe no grande panorama da minha vida em relação àqueles que me cercavam, não existia mais. Por que não fui para a rua e não pedi socorro a um desconhecido? Essa idéia nunca passou pela minha cabeça. Naquele estado de incapacitação, a única opção que eu tinha era justamente aquela que eu tentava desesperadamente lembrar: como pedir ajuda?

Tudo que eu podia fazer era sentar e esperar; sentar pacientemente com o telefone ao meu lado e esperar

em silêncio. E eu fiquei ali sentada, sozinha em casa com aqueles pensamentos passageiros que fugiam de mim, provocadores em suas idas e vindas. Fiquei sentada esperando por uma onda de clareza que permitiria a minha mente consciente conectar dois pensamentos e me dar uma chance de formar uma idéia, uma chance de executar um plano. Sentei-me em silêncio entoando: *O que estou fazendo? Pedir ajuda. Pedir ajuda. Estou tentando pedir ajuda.*

Na esperança de poder invocar conscientemente outra onda de clareza, coloquei o telefone sobre a mesa na minha frente e fiquei olhando para as teclas. Tentando lembrar um número para discar, meu cérebro errante se esvaziou e divagou enquanto eu o forçava a se concentrar e a prestar atenção. Pulsando, pulsando, pulsando. Caramba, minha cabeça doía. Em um instante um número passou como num lampejo brilhante por minha mente. Era o número do telefone de minha mãe. Incrível que eu conseguisse lembrar! Maravilhoso eu poder não só lembrar um número, mas saber de quem era. E como era impressionante, embora lamentável, que, mesmo naquela condição precária, eu percebesse que minha mãe morava a milhares de quilômetros de distância, e quanto seria impróprio ligar para ela. Pensei comigo: *De jeito nenhum, não posso telefonar para minha mãe e dizer a ela que estou tendo um derrame! Isso seria horrível. Ela ficaria apavorada! Preciso traçar um plano!*

Em um momento de clareza, soube que, se telefonasse para o trabalho, meus colegas no Harvard Brain Tissue Resource Center me socorreriam. *Se ao menos eu lembrasse o número do trabalho.* E como era irônico que eu tivesse passado os últimos dois anos cantando o *jingle* do Banco de Cérebro para platéias de todo o país, in-

cluindo na letra "Disque 1-800-BrainBank para obter informações, por favor". Mas, naquela manhã, com todas aquelas lembranças além do meu alcance, eu guardava apenas uma vaga idéia de quem eu era e o que estava tentando fazer. Posicionada na minha mesa numa bizarra neblina mental, continuei estimulando minha mente com a obsessiva repetição: *Qual é o número do trabalho? Onde eu trabalho? No Banco de Cérebros. Eu trabalho no Banco de Cérebros. Qual é o número do telefone do Banco de Cérebros? O que estou fazendo? Estou pedindo ajuda. Estou ligando para o trabalho. Muito bem, qual é o número do trabalho?*

Minha percepção normal desse mundo externo tem sido estabelecida de forma bem-sucedida pela troca constante de informação entre meus hemisférios direito e esquerdo. Por causa da lateralidade cortical, cada metade do meu cérebro especializou-se em funções ligeiramente variadas, e, quando reunidos, os hemisférios podiam promover precisamente uma percepção realista do mundo externo.

Apesar de ter sido uma criança brilhante com tremendo potencial para o aprendizado, meus dois hemisférios nunca foram iguais em termos de habilidades naturais. Meu hemisfério direito excedia em compreender o grande panorama de idéias e conceitos, mas meu hemisfério esquerdo tinha de trabalhar muito para memorizar fatos e detalhes aleatórios. Como resultado, fui uma dessas pessoas que raramente escolhiam codificar de maneira cognitiva um número de telefone como uma seqüência aleatória de números. Em vez disso, minha mente criava automaticamente algum tipo de padrão, muito freqüentemente um padrão visual, ao qual eu associava a seqüência. No caso de números de telefone,

em geral eu memorizava o padrão do desenho que ele formava no teclado. Em particular, sempre me perguntei como teria sobrevivido em um mundo de telefones de disco giratório no qual esses truques esquemáticos teriam sido muito mais difíceis!

Durante a juventude, minha mente esteve muito mais interessada em como as coisas eram intuitivamente relacionadas (hemisfério direito) do que em como eram categoricamente diferentes (hemisfério esquerdo). Minha mente preferia pensar em imagens (hemisfério direito), em oposição à linguagem (hemisfério esquerdo). Só quando cheguei à graduação e comecei a me sentir fascinada por anatomia minha mente se superou em memorização e direcionamento de detalhes. Depois de uma infância processando informação por meio de estratégias de associação sensorial, visual e de padrão, a trama do meu conhecimento ficava intimamente interligada.

O lado negativo desse tipo de sistema de aprendizado, é claro, é que só funciona quando todas as peças do esquema estão funcionando e interagindo de maneira apropriada. Naquela manhã, enquanto eu permanecia ali sentada e tentava lembrar qual era o número do telefone do trabalho, recordei que havia algo único no padrão do código de nosso escritório. Algo como: meu número terminava com 1-0; que era o oposto exato do número de minha chefe, que terminava em 0-1; e os números dos meus colegas ficavam entre um e outro. Mas meu hemisfério esquerdo nadava em uma poça de sangue, por isso eu não conseguia ter acesso aos dados específicos do meu inquérito mental, e a linearidade da matemática me escapava. Eu continuava pensando: *O que há no meio, entre 01 e 10?* Decidi que olhar para o teclado do telefone poderia ser útil.

Sentada à minha escrivaninha, coloquei o telefone diretamente na minha frente e esperei paciente por alguns momentos, aguardando a nova onda de clareza. Novamente entoei: *Qual é o número do trabalho? Qual é o número do trabalho?* Depois de vários minutos segurando o fone e olhando para o teclado, uma lista de quatro dígitos apareceu repentinamente em minha mente... 2405! 2405! Repeti muitas vezes para mim mesma... 2405! Para não esquecer o número, peguei uma caneta e, com minha esquerda não dominante, anotei rapidamente a imagem que via em minha mente. Um "2" não era mais um "2", mas um rabisco que lembrava um "2". Felizmente, o "2" no teclado do telefone era como o "2" na minha mente, por isso rabisquei os garranchos que representavam o que eu via... 2405. De alguma forma, eu entendia que isso era apenas parte do número; qual era o restante? Havia um prefixo — alguma coisa antes. Então, de novo, comecei a entoar: *Qual é o prefixo? Qual é o prefixo do trabalho?*

Diante desse dilema, ocorreu-me que não era necessariamente uma vantagem que, quando estávamos no trabalho, só tivéssemos de usar os números das extensões. Por causa dessa falta de rotina de uso, o padrão para o reconhecimento do meu prefixo não era codificado no mesmo arquivo em meu cérebro que o restante dos números de extensão. Assim, lá fui eu de volta numa missão de recuperação de informação, e questionei: *Qual é o prefixo? Qual é o prefixo do trabalho?*

Durante toda minha vida, eu havia estado exposta a números de telefone com prefixos muito baixos: 232, 234, 332, 335 etc. Mas, agarrando-me a qualquer coisa que passasse por minha mente, qualquer possibilidade, o código 855 cintilou como uma imagem visual. Inicial-

mente, pensei que esse era o prefixo mais absurdo que eu jamais vira, porque os números pareciam altos demais. Mas, àquela altura, qualquer coisa merecia uma tentativa. Antecipando a próxima onda de clareza, limpei a mesa diante de mim. Eram apenas 9h15 da manhã; eu estava somente quinze minutos atrasada para o trabalho, por isso ninguém devia ter sentido minha falta. Com um plano em mente, esperei.

Estava cansada. Sentia-me vulnerável e completamente fragmentada enquanto ficava ali sentada, esperando. Embora fosse distraída várias vezes por um envolvente sentimento de estar *unificada* com o Universo, estava desesperada para pôr em andamento meu plano e conseguir ajuda. Mentalmente, ensaiava muitas vezes o que tinha de fazer, o que ia dizer. Mas manter a mente sintonizada no que eu tentava fazer era como tentar segurar um peixe escorregadio. Tarefa um, manter o pensamento em mente; tarefa dois, executar a percepção interna no mundo externo. Prestar atenção. Segurar o peixe. Agarrar-se ao conhecimento de que isso é um telefone. Esperar. Esperar pelo próximo momento funcional de clareza! Continuava ensaiando mentalmente: *Aqui é Jill. Preciso de ajuda! Aqui é Jill. Preciso de ajuda!*

Esse processo já havia levado 45 minutos, tempo em que eu conseguira deduzir quem chamar e como pedir ajuda. Durante a onda seguinte de clareza, disquei o número comparando os rabiscos no papel aos números no teclado do telefone. Para minha grande sorte, meu colega e bom amigo, Dr. Stephen Vincent, estava sentado à sua mesa. Ele pegou o fone, eu o ouvi falar, mas minha mente não podia decifrar suas palavras. Pensei: *Oh, meu Deus, para mim, é como um golden retriever falando!* Percebi que meu hemisfério esquerdo estava tão danifica-

do que não podia mais entender a fala. Porém, estava tão aliviada por ter conseguido me conectar a outro ser humano, que balbuciei:

— Aqui é Jill. Preciso de ajuda!

Bem, pelo menos foi isso que tentei falar. O que saiu da minha boca soou mais parecido com grunhidos e gemidos, mas felizmente Steve reconheceu minha voz. Ficou claro para ele que eu estava com problemas. (Aparentemente, todos aqueles anos resmungando pelos corredores no trabalho me haviam conferido um grunhido reconhecível.)

Fiquei chocada, porém, quando percebi que não era capaz de falar de maneira inteligível. Embora pudesse me ouvir falar com clareza no interior da minha mente — *Aqui é Jill, preciso de ajuda!* —, os sons que brotavam da minha garganta não combinavam com as palavras no meu cérebro. Fiquei perturbada por compreender que meu hemisfério esquerdo estava ainda mais danificado do que eu havia percebido. Embora o hemisfério esquerdo não conseguisse decifrar o significado das palavras que ele dissera, o hemisfério direito interpretava os sons suaves em sua voz como uma mensagem que significava que ele mandaria ajuda.

Finalmente, naquele momento, consegui relaxar. Não precisava entender os detalhes do que ele faria. Sabia que havia feito tudo que podia fazer; tudo que alguém poderia esperar que eu fizesse para me salvar.

MEU RETORNO À QUIETUDE

Sentada e quieta no silêncio de minha mente, satisfeita por saber que Steve mandaria ajuda, me senti aliviada por ter sido capaz de articular com sucesso meu socorro. O braço paralisado estava parcialmente recuperado e, apesar da dor, eu tinha esperança de que a recuperação fosse completa. Porém, mesmo naquele estado prejudicado, sentia que devia entrar em contato com minha médica. Era evidente que seria necessário um tratamento de emergência que, eu tinha quase certeza, seria muito caro, e considero muito triste que, mesmo naquela situação de total incapacidade mental, eu ainda soubesse o suficiente para me preocupar com a burocracia do convênio e saber que os custos poderiam não ser cobertos caso alguém me levasse ao hospital *errado*.

Ainda sentada diante da mesa no escritório, com o braço esquerdo funcional, peguei a pilha de cartões que havia colecionado nos últimos anos. Só havia visitado minha atual médica uma vez, cerca de seis meses antes, mas me lembrava de que o nome dela tinha algo de irlandês. St. alguma coisa, St. alguma coisa... Comecei a procurar por minhas associações. Conseguia ver com o olhar da mente o símbolo do brasão de Harvard no centro e no alto do cartão. Satisfeita por poder recordar como

era exatamente a aparência do cartão, pensei: *Muito bem, tudo vai dar certo; só preciso encontrar o cartão e dar o telefonema.*

Para meu espanto, porém, enquanto olhava para o cartão no alto da pilha, percebi que, embora tivesse uma nítida imagem mental do que estava procurando, não conseguia discriminar nenhuma das informações contidas no cartão diante de meus olhos. Meu cérebro não distinguia mais escrita como escrita, ou símbolos como símbolos, ou mesmo fundo como fundo. Em vez disso, o cartão era como uma imagem abstrata de pixels. Toda a cena era uma mistura uniforme das peças que a constituíam. Os pontos que formavam os símbolos de linguagem se misturavam de maneira homogênea com os pontos do fundo. Distinções de cores e limites já não eram mais registradas por meu cérebro.

Desanimada, percebi que minha habilidade de interagir com o mundo exterior se havia deteriorado mais do que eu imaginava. Meu contato com a realidade normal deixara de existir como antes. Não conseguia mais perceber as indicações mentais de que dependia para discriminar objetos visualmente. Além da incapacidade de identificar meus limites físicos e da ausência de um relógio interno, agora me percebia como um fluido. Associado à perda da memória de curto e longo prazo, havia o sentimento de que não estava mais presa ao mundo externo, segura nele.

Que tarefa monumental era simplesmente ficar ali sentada, no centro da minha mente silenciosa, segurando aquele maço de cartões e tentando lembrar: *Quem sou eu? O que estou fazendo?* Procurando por alguma ligação com a realidade externa, havia perdido todo senso de urgência. Porém, de maneira surpreendente, meu

lobo frontal lutava de modo corajoso para se manter focado na tarefa, e eu ainda tinha uma ou outra onda de clareza que me conduzia de volta ao reino terreno pela dor física. Durante os momentos de clareza, era capaz de ver, identificar, lembrar o que estava fazendo, e podia discriminar novamente entre os variados estímulos que me atingiam. Então, com confiança, eu seguia em frente. *Não é esse cartão, não é esse cartão, não é esse cartão.* Levei mais de 35 minutos para examinar menos de meia dúzia de cartões, até finalmente reconhecer o brasão de Harvard.

Àquela altura, porém, o conceito de um telefone era algo bizarro e interessante para mim. Eu me sentia estranhamente removida da capacidade de compreender o que devia fazer com ele. De alguma maneira, entendia que aquela "coisa" no meu espaço me conectaria por meio de um fio a outro espaço completamente diferente. E, na outra extremidade do fio, haveria uma pessoa com quem eu falaria e que me entenderia. Uau! Imagine só isso!

Por temer perder o foco e confundir o cartão do médico com os outros, limpei a superfície da mesa diante de mim e coloquei o cartão bem no centro daquela clareira. Peguei o telefone e posicionei o teclado à direita do cartão, bem perto dele. Meu cérebro vivia um estável processo de deterioração, por isso a aparência do teclado agora era completamente estranha e desconhecida. Fiquei ali sentada, entrando e saindo do meu insubordinado lado esquerdo da mente, tentando manter a calma. De tempos em tempos, conseguia comparar os rabiscos que formavam o número no cartão com os rabiscos no teclado do telefone. Para não perder de vista os números que eu já havia teclado, eu cobria o dígito no car-

tão com o indicador esquerdo assim que o introduzia no teclado do telefone, o que fazia usando meu descoordenado e enrijecido indicador direito. Tinha de ser assim, porque, de um momento para o outro, eu não lembrava que números havia teclado. Repeti essa estratégia até todos os números terem sido inseridos no aparelho, e então pus o fone perto do ouvido e escutei.

Esgotada e desorientada, tive medo de esquecer o que estava fazendo, por isso continuava repetindo mentalmente: *Aqui é Jill Taylor. Estou tendo um derrame. Aqui é Jill Taylor. Estou tendo um derrame.* Mas, quando o telefone foi atendido e eu tentei falar, fiquei apavorada ao perceber que, embora pudesse me ouvir falar com clareza dentro da minha mente, nenhum som saía de minha garganta. Nem mesmo os grunhidos que eu havia conseguido produzir antes. Fiquei desesperada. *Oh, meu Deus! Não posso falar! Não posso falar!* E foi só nesse momento, quando tentei falar em voz alta, que eu percebi que não podia. Minhas cordas vocais eram inoperantes e nada, nenhum tipo de som, saía de meu corpo.

Como se fosse uma bomba de oxigênio, empurrei o ar com força para fora do meu peito e inspirei profundamente, repetindo o procedimento várias vezes, tentando fazer algum ruído ou produzir um som qualquer. Percebendo o que fazia, pensei: *Eles vão achar que se trata de um telefonema obsceno! Não desligue! Por favor, não desligue!* Continuei empurrando o ar para fora, levando-o para dentro, forçando peito e garganta a vibrarem, até que finalmente consegui emitir sons como "Uhhhh, uhhhhh, aaaaaa... quiiiiiiiiiii". A chamada foi imediatamente transferida para a sala da médica, que, milagrosamente, estava em seu consultório aguardando a pró-

xima consulta. Com a paciência de uma alma boa, ela ficou ouvindo enquanto eu tentava enunciar:

— Aqui é Jill Taylor. Estou tendo um derrame.

Depois de um tempo, minha médica entendeu o suficiente da mensagem para compreender quem eu era e o que acontecia. Ela me orientou a ir para o hospital Mount Auburn. Porém, enquanto ela falava, eu podia ouvir as palavras, mas não era capaz de apreender seu significado. Desanimada, pensei: *Se ela falasse mais devagar, se pronunciasse as palavras de maneira mais clara, talvez eu conseguisse entender.* Com esperança, pedi, numa articulação semicompreensível:

— De novo?

Preocupada, ela repetiu a orientação sobre o hospital para onde eu deveria ir. E, mais uma vez, não consegui compreender. Com paciência e compaixão genuínas por meu evidente colapso neurológico, ela repetiu a orientação. Mas eu não conseguia atribuir significado aos sons e tirar sentido deles. Irritada com minha incapacidade de entender a linguagem simples, operei novamente minha bomba vocal e consegui comunicar de alguma forma que o socorro estava a caminho, e que voltaríamos a telefonar.

Àquela altura, não era preciso ser neurocientista para entender o que acontecia em meu cérebro. Quanto mais tempo o sangue continuasse jorrando e encharcando o tecido do córtex, maior seria o dano e mais incapacitada eu ficaria. A MAV explodiu perto da porção médio-posterior do córtex cerebral no hemisfério esquerdo, mas, naquele ponto, as células do meu lobo frontal esquerdo — responsável pela minha capacidade de gerar linguagem — também estavam comprometidas. Era previsível que, com o sangue interrompendo o fluxo da troca de

informações entre meus dois centros de linguagem (na área anterior para Broca, e na posterior para Wernicke), eu não pudesse criar ou expressar linguagem, nem entendê-la. Naquele momento, porém, minha maior preocupação era que as cordas vocais não respondiam aos sinais mentais. Ainda temia que os centros nas pontes do tronco cerebral, entre eles o da inspiração, estivessem em risco.

Sentindo-me derrotada e cansada, desliguei o telefone. Levantei-me da cadeira, envolvi a cabeça com um lenço para impedir que a luz atingisse meus olhos, e, imaginando a maçaneta da porta, comandi lentamente meu corpo, passo a passo, manobrando-o pelos degraus da escada e arrastando o traseiro pelos degraus. Ansiosa por companhia, não mais preocupada com o que me sentia compelida a fazer, voltei à sala de estar e me sentei no sofá para acalmar minha mente exausta.

Desanimada e sozinha, senti o desconforto na minha cabeça latejante, e comunguei com minha lesão enquanto reconhecia a degeneração da minha conexão com essa vida. A cada momento que passava, sentia que a ligação com meu corpo enfraquecia. Sentia que minha energia se esvaía daquele frágil contêiner, entorpecendo as extremidades distais dos dedos das mãos e dos pés. Podia ouvir o maquinário do meu corpo, as engrenagens rangendo e gemendo enquanto minhas células tentavam manter sistematicamente a vida, e temia que minha mente cognitiva estivesse se tornando tão incapacitada, tão desligada de sua capacidade normal de funcionamento, que a incapacidade fosse permanente. Pela primeira vez na vida, compreendi que não era invencível. Diferente de um computador, que podia ser desligado e depois reiniciado, a riqueza de minha vida de-

pendia não só da saúde da estrutura celular, mas da integridade da capacidade de meu cérebro em transmitir por meio de impulsos elétricos e comunicar suas diretivas.

Pequena diante daquela situação de pavor, lamentei a perda da vida e antecipei a morte e a degeneração da minha matriz celular. Apesar da presença imponente e abençoada do lado direito de minha mente, lutava com desespero para me apegar a quaisquer conexões conscientes que ainda restassem no hemisfério esquerdo. Já entendia claramente que não era mais um ser humano normal. Minha consciência não retinha mais as funções de discriminação do lado esquerdo do cérebro, dominante e analítico. Sem aqueles pensamentos inibidores, havia ido além da percepção de mim mesma como indivíduo. Sem o lado esquerdo do cérebro disponível para me ajudar a me identificar como um organismo complexo feito de múltiplos sistemas interdependentes, ou para me definir como uma distinta coleção de funções fragmentadas, minha consciência se aventurava livre pela pacífica esfera divina do lado direito de minha mente.

Sentada ali no silêncio, ponderando sobre minhas novas percepções, imaginei quanto poderia ficar incapacitada antes de a perda tornar-se permanente. Contemplei quantos circuitos eu poderia perder e a que distância poderia ficar de minhas habilidades cognitivas superiores antes de perder a esperança de recuperar o funcionamento normal. Não havia chegado tão longe para morrer ou me tornar mentalmente vegetativa! Então, segurei a cabeça entre as mãos e chorei. Chorando, cerrei os punhos e rezei. Rezei pedindo paz no meu coração. Rezei pedindo paz em minha mente, e rezei: *Por*

favor, Grande Espírito, não apague minha vida. E, no silêncio, minha mente implorava: Agüente firme. Fique quieta. Fique calma. Agüente firme.

Fiquei sentada na minha sala de estar pelo que pareceu uma eternidade. Quando Steve surgiu na porta, não houve uma troca de palavras. Eu lhe entreguei o cartão da médica, e Steve telefonou imediatamente para receber as instruções. Com prontidão impecável, ele me amparou e me levou ao carro dele, onde me acomodou e me prendeu com o cinto de segurança, reclinando o assento. Depois, envolveu minha cabeça com o lenço para me proteger da luz. Steve falava em voz baixa, dava tapinhas encorajadores no meu joelho, e dirigia para o Mount Auburn Hospital.

Ao chegarmos lá, ainda estava consciente, mas delirante. Eles me puseram em uma cadeira de rodas e me levaram para a sala de espera. Steve estava claramente perturbado com a indiferença da equipe à gravidade da minha situação, mas, obediente, preencheu todos os formulários e me ajudou a assinar meu nome. Enquanto esperávamos pela nossa vez, eu sentia que a energia do meu corpo se deslocava e, como um balão, murchava sobre mim mesma, passando a uma condição de semiconsciência. Steve insistia para que eu recebesse atendimento imediato.

Fui levada para a sala de tomografia computadorizada. Eles me tiraram da cadeira de rodas e me deitaram sobre a maca. Apesar da dor latejante na cabeça, um pulsar que parecia ressoar nos sons abafados do motor da máquina, tinha consciência suficiente para sentir certa satisfação ao ouvir a confirmação do meu diagnóstico. Estava mesmo sofrendo uma forma rara de derrame. Havia uma hemorragia massiva inundando o hemisfé-

rio esquerdo do meu cérebro. Não me lembro disso, mas os registros médicos apontam que recebi uma dose inicial de esteróides para reduzir a inflamação.

A ordem era transferir-me de imediato para o Massachusetts General Hospital. A maca onde eu estava foi empurrada para a porta do hospital, de onde foi carregada para o interior de uma ambulância para a viagem por Boston. Lembro que um paramédico muito gentil me acompanhou na jornada. Ele me envolveu com um cobertor e arranjou uma jaqueta sobre meu rosto para proteger meus olhos. O toque da mão dele em minhas costas era confortável; sua bondade era um tesouro de valor inestimável.

Finalmente, estava livre da preocupação. Encolhi-me em posição fetal e fiquei quieta, esperando. Entendia que, naquela manhã, havia assistido ao passo-a-passo da deterioração do meu complexo circuito neurológico. Sempre havia celebrado minha vida como uma magnífica manifestação física do meu DNA, e, oh, que colorida piscina genética era aquela de onde eu brotara! Por 37 anos, havia sido abençoada por um mosaico ágil de bioquímica eletrificada. E, como muitas pessoas, havia fantasiado que queria estar acordada quando morresse, porque queria testemunhar aquela importante transição final.

Pouco antes do meio-dia, em 10 de dezembro de 1996, a vitalidade elétrica de minha massa molecular se tornou fraca, e, ao sentir o escoamento de minha energia, a mente cognitiva abriu mão de sua conexão e cedeu o comando à mecânica física de meu corpo. Isolada no fundo de um casulo com a mente silenciosa e o coração tranquilo, senti que toda minha energia se exauria. O corpo estava adormecido, e a consciência se elevou para

um nível muito mais calmo de vibração. Compreendi com clareza que não era mais a coreógrafa dessa vida. Na ausência da visão, da audição, do tato, do olfato, do paladar e do medo, senti meu espírito desistir de sua ligação com este corpo e fui libertada da dor.